

José Claudinei Lombardi
Marcos Lima
(Orgs.)

EDUCAÇÃO E REVOLUÇÃO:
AS REVOLUÇÕES NOS SÉCULOS XIX E XX
E AS POSSIBILIDADES DE UMA NOVA EDUCAÇÃO

1ª Edição Eletrônica

Uberlândia / Minas Gerais
Navegando Publicações
2020



XI

A EDUCAÇÃO EM CUBA: DA SOCIEDADE DO AÇÚCAR AO GOSTO AMARGO DE BLOQUEIO*

Maria do Carmo Luiz Caldas Leite

Introdução

La educación ha de ir donde va la vida. Es insensato que la educación ocupe el único tiempo de preparación que tiene el hombre en no prepararlo. La educación ha de dar medios para resolver los problemas que a vida ha de presentar (MARTÍ, 2011, t. 22, p. 308).

Com o intuito de refletir sobre as conquistas, dilemas e tensões presentes na educação, dentro do projeto societário cubano, o presente texto tematiza o ideário autóctone enraizado desde a chegada dos colonizadores, o entrelaçamento com as tradições do século XIX, a singularidade do processo no desenvolvimento das ideias socialistas e as mudanças atuais em Cuba. A escola cubana obrigatória, universal e gratuita não pode ser entendida sem vínculos com a trama histórica do povo – *a cubanía*¹ –, que cunhou um imaginário de vertentes relativas às lutas de libertação, desde a época colonial. Para tal, é necessário levar em conta a construção de um referencial, que fez da educação e da revolução cubana, iniciada em 1953, processos mutuamente inclusivos, como caráter prioritário de defesa. As transformações pedagógicas, em suas complexidades, representavam a desagregação do contex-

* DOI – 10.29388/978-65-86678-06-2-f.265-288

¹ Segundo Rodríguez Rivera (2005), a *cubanía*, de raiz afro-espanhola e de vocação latino-americana, é a materialização da nacionalidade, do caráter insular alicerçado desde as origens do país, que vem norteando as atitudes da população cubana em todas as épocas.

to herdado da república mediatizada pelos Estados Unidos. Muitas ponderações aqui apresentadas foram extraídas da frequência às reuniões de associações de massa e aos congressos, das visitas recorrentes aos Institutos Superiores Pedagógicos e aos centros escolares de diversas províncias na Ilha, ao longo das três últimas décadas, decisivas para adentrar às situações vivenciadas no âmbito da educação cubana.

A chegada da Cruz de Parra a Cuba

Quando da chegada dos espanhóis a Cuba, em 1492, a Ilha era habitada por indígenas. O propósito inicial não era dar curso a uma nova civilização, mas conquistar terras e usufruir das riquezas, com toda a rapidez possível. Os nativos foram utilizados na busca de ouro e em trabalhos rudes, enquanto a Espanha transitava por um regime feudal, introduzindo em Cuba a propriedade privada. A forma como se viabilizaram as relações entre exploradores e explorados foi o sistema denominado *encomienda*. Segundo a lei, os *encomiendados* teriam que proteger os índios, dar-lhes instrução e exigir determinadas tarefas. Contudo, a história demonstrou que os espanhóis cobraram todos os direitos e cumpriram poucas obrigações. O enriquecimento dos colonizadores apoiou-se na submissão imposta aos nativos, interrompendo o processo autônomo das comunidades indígenas, implantando em Cuba a sociedade dividida em classes e a repressão do aparato colonial. Segundo Fernandes (1979, p. 20), no desembarque dos espanhóis, havia na Ilha cem mil indígenas e, após 50 anos, não passavam de cinco mil, dizimados em razão dos maus tratos e da perda do interesse pela sobrevivência.

Na raiz destes fatos, Castro Ruz (1992, p. 101) afirma:

O que me assombra é que haja tantos no mundo, sobretudo em nossos países, que sigam utilizando o termo “descobrimento” para aludir ao feito histórico de 12 de outubro [...] Ainda que, concedendo a Colombo o mérito de haver, com suas viagens, mudado a consciência de sua época, caso se trate de descobrimento, há que ser falado,

então, que americanos e europeus nos descobrimos mutuamente. Há quem, para salvar o problema, refira-se piedosamente ao encontro de duas culturas.

No âmbito do catolicismo existiram diversas ordens religiosas presentes em Cuba. Seus membros, tenazes e eficientes na defesa dos próprios interesses, travaram grandes batalhas pelo domínio das instituições educativas em Cuba. Desde o início da colonização, em cada vila se fundou uma igreja. Saviani (2011, p. 47), recorrendo às palavras de Marx, observou que para os teólogos, a própria religião é obra de Deus e a religião dos demais é coisa dos homens, enquanto as crenças dos índios eram vistas pelos colonizadores como uma invenção do demônio.

Em agosto de 1556, no desembarque dos jesuítas, entre eles Pedro Martínez, de Valencia, acompanhado por outros dois padres, a cidade de Havana contava com cerca de trezentos habitantes. Desde Madri, o rei Felipe II, havia solicitado ao general da Companhia de Jesus, Francisco de Borja, missionários para catequizar os índios da Flórida. Entretanto, o capitão do barco belga em que viajavam os religiosos, não soube chegar a San Agustín e dirigiu-se a Cuba para obter informações sobre o rumo. O tempo que ali passaram serviu para instruir os nativos na doutrina cristã. Em dezembro do mesmo ano, o barco retornou ao destino original, porém Martínez, ao desembarcar com um grupo de marinheiros, foi morto pelos indígenas, convertendo-se assim no primeiro mártir da ordem no continente americano. Os jesuítas voltaram à Havana para, mais tarde, serem expulsos por Carlos III de Espanha, em 1767. Durante a permanência em Cuba, os *ignacianos* lograram converter-se em grandes proprietários de terras, de edifícios monumentais e de escravos. A fundação de colégios foi a parte vital de sua obra na Ilha, ainda que focada em níveis superiores de educação, onde podiam fluir somente as famílias abastadas (BUENAVILLA RECIO, 2014).

A violência dos conquistadores não impediu as marcas dos aborígenes no caráter dos cubanos. Como símbolo deste passado, das

vinte e nove cruzeiros trazidas por Cristóbal Colón, a de Parra, fundada em dezembro de 1492 nas costas de Cuba, é a única conservada até hoje. Encontra-se na Paróquia de Baracoa², sendo considerada a mais antiga relíquia histórico-religiosa do encontro das duas culturas, a europeia e a dos nativos de *Nuestra América*.

A sociedade do açúcar

Os registros da sociedade cubana produzida pelo açúcar e a história da escravidão tem interfaces de séculos, com marcas profundas e que semearam o caminho da independência. Os negros exerceram todas as tarefas possíveis, desde abusivos trabalhos agrícolas até refinadas obras artesanais, como pintores e escultores, alavancando um desenvolvimento material discriminatório. À medida que o açúcar de Cuba foi penetrando nos mercados europeus, os fazendeiros tomaram maior consciência da rentabilidade do apreciado doce e fomentaram suas empresas com uma mentalidade de corte burguês e idiosincrasia *criolla*³ (BUENAVILLA RECIO, 2014).

Quando Cuba é observada nos mapas, vislumbra-se o Mar do Caribe e com ele um mundo de abordagens amplamente relatadas na literatura, desde o século XV até hoje. Diferentes tipos de “bandidos” encheram de lendas a região, de tal forma, que não dá para entender a história da Ilha sem um pouco de análise da pirataria e a consequente sublimação da violência inerente a ela. As imagens dos barcos simplificam uma realidade que ia além de ataques. O mundo dos piratas e corsários é mais que isso. É a violência do capitalismo nascente. Uma das mais belas imagens que o poeta Karl Marx levava dentro de si, expressa a violência, como a parteira da história. No dizer de Fraguinals (2005, p. 82), diante da ideia de homens do mar, que saem em busca de suas

² Baracoa é uma cidade de Província de Guantánamo situada no extremo leste de Cuba. Ela foi fundada pelo primeiro governador de Cuba, o conquistador espanhol Diego Velázquez, em 1511, o que faz dela a mais antiga cidade da Ilha.

³ *Criollo*, em espanhol, significa nascido na América, mas filho de pais europeus.

presas, temos outra realidade, geralmente oculta, do armador que montou a expedição e do governo que a financiou.

No centro de defesa do império espanhol, Cuba foi cobiçada pelos interesses de estrangeiros, que aspiravam ao domínio militar na área estratégica do novo mundo. Os estudos da sociedade formada por retalhos de diferentes culturas mostram a acumulação de riquezas da oligarquia *criolla*, submissa aos signos da aristocracia ibérica. No século XIX, as famílias ricas foram responsáveis pela revolução agrícola – a chamada plantocracia –, que conduziu o país à posição de primeiro produtor mundial de açúcar. Contudo, sem um sistema escolarizado, onde apenas uma parte ínfima da população recebia algum ensino, Cuba foi a última colônia da Espanha na América.

O *ethos* patriótico

Precursor da tradição pedagógica progressista na Ilha, o sacerdote José Agustín Caballero foi uma das mais importantes figuras da Ilustração Reformista *criolla* do final do século XVIII, movimento de ideias que se vinculou à ampliação do setor açucareiro. No ano de 1794, apresentou um projeto caracterizado por métodos não escolásticos, voltado à criação de escolas elementares públicas, razão pela qual é considerado o introdutor em Cuba do sistema de ensino em que o aluno poderia desenvolver uma aprendizagem mais sólida (BUENAVILLA RECIO, 2014).

A primeira geração de cubanos que se atreveu a pensar por si mesma tem sua figura cimeira no padre Félix Varela. Com ele, o compromisso patriótico alicerçou as lutas travadas na segunda metade do século XIX. Defensor da ilustração do povo, foi o primeiro a assumir uma atitude radicalmente revolucionária, em especial na crítica ao modelo escravista. Varela expressou suas ideias nos marcos da liberdade cristã, pois para ele as potencialidades que existem no homem o conduzem, infalivelmente, pelos caminhos do bem, quando dirigidas corretamente. Crítico dos males de sua época, comandada por latifun-

diários que pensavam somente em suas caixas de café e sacos de açúcar, mais do que demandas imediatas, o sacerdote aspirava a emancipação da sociedade. “Quanto mais o professor fala, menos ensina, pois em sua concepção, a glória de um educador é falar pela boca de seus alunos” (GONZÁLEZ SOCA e REINOSO CÁPIRO, 2002, p.1).

A escola cubana foi renovada por José de La Luz y Cabarello, discípulo de Varela, entre 1824 e 1862. Para Buenavilla Recio (2014), Caballero tinha uma percepção ampla do processo educativo, não restrito apenas ao ato de instruir, mas estar voltado ao cultivo dos sentimentos, nas escolinhas de amigos e amigas, as primeiras de base social popular. Os professores não tinham preparo adequado, ocupando uma posição marginal na sociedade. Todavia, nelas se praticava, de maneira incipiente, a integração racial e as manifestações iniciais de coeducação entre meninos e meninas.

A história da pedagogia cubana, por mais breve e concisa, não pode ser escrita sem referências ao papel desempenhado por Martí⁴. O ideário martiano impregnado de humanismo foi consolidado em 1889, quando da publicação de *La Edad de Oro*, revista voltada às crianças do continente latino-americano. Nessa obra, escrita e editada por Martí, surgia a proposta de criar nos meninos de *Nuestra América*, ameaçados pela perda de sua identidade cultural, uma consciência anticolonialista. O jornalismo, conjugado à atividade política, ocupou grande parte de suas atividades. Como professor, ganhou a vida nas fa-

⁴ José Martí (1853 –1895) iniciou sua participação política escrevendo a jornais separatistas. Com a prisão de seu mestre Rafael Mendive, cristalizou-se a atitude de rebeldia contra a dominação espanhola. Em 1869, Martí foi condenado a seis anos de trabalhos forçados, mas passou somente seis meses na prisão, pois conseguiu permutar a pena pela deportação à Espanha. Dedicou-se ao estudo do Direito na Universidade de Zaragoza. Entre 1881 e 1895, viveu em Nova Iorque, porém foi no México, na Guatemala e na Venezuela que alcançou o mais alto grau de identificação com a autoctonia da América, até o momento desconhecido a um filho de espanhol. Em 1882, trabalhou para o jornal *La Nación* da Argentina. No comando de um contingente de cubanos, após breve encontro com tropas espanholas no vilarejo de Dos Ríos, Martí foi atingido, morto e seu corpo mutilado (SARRACINO, 2010).

ses mais difíceis, porém sua profissão foi a de advogado (VITIER, 2011).

A trajetória de sua vida revolucionária o fez passar por vários países, proporcionando-lhe conhecimentos avançados para seu tempo e a busca de uma legítima cultura ajustada à realidade latino-americana, não mais a uma Educação com teorias importadas da América Anglo-Saxônica, ainda que alimentasse a abertura de Cuba ao mundo. Na concepção martiana, era um fato grave a educação seguir os padrões dos sistemas forâneos, desvinculados da realidade em que se aplicavam. No pensamento de Martí “a inteligência americana estava no penacho indígena e quando se paralisou ao índio, se paralisou a América” (ACOSTA, 2015, p.26).

Martí possuía um referencial teórico – que evoluiu historicamente – no qual a educação é concebida de forma multifacetada, “ultrapassando as fronteiras do utilitarismo e as caricaturas de ideias de outras latitudes” (CHÁVEZ RODRÍGUEZ, 1996, p.36).

Como estudioso não apenas dos problemas da instrução em Cuba, mas de todos os países do continente americano, Martí elaborou um pensamento pedagógico, com a urgência da sonhada República. Convencido de que “*Patria es humanidad*”, a síntese de tal ideário constitui, até hoje, um paradigma:

- Escola obrigatória, universal, gratuita e laica: a educação, como direito e dever de todos, assegurava a liberdade de consciência ao professor e ao aluno. “*Un pueblo de hombres educados será siempre un pueblo de hombres libres*” (MARTÍ, 2011, t.12, p.375).
- Educação científica e politécnica: o ensino das ciências e a Educação para o trabalho constituíam princípios básicos. “*Y detrás de cada escuela un taller agrícola, a la lluvia y al sol, donde cada estudiante sembrase su árbol*” (ibid, t.8, p.287).
- Educação para a vida: o fim primordial da Educação consistia em educar o homem para seu momento e circunstância históricos. “*La educación ha de ir a dónde va la vida. Es insensato que la educación ocupe el único tiempo de preparación que tiene el hombre, en no prepararlo*” (ibid, t.22, p. 308).

- Conteúdo da educação – democrático e popular: fazer partícipes as massas populares dos bens da educação. Para que os povos sejam realmente livres, a Educação deve refletir suas necessidades, numa postura crítica aos modelos escolásticos e dogmáticos. *"Hay un sistema de educación que consiste en convertir a los hombres en mulos, en ovejas, –en deshombrosarlos, en vez de ahombrosarlos más. Una buena educación, ni en corceles siquiera en cebras ha de convertirlos. Vale más un hombre rebelde que un manso"* (ibid, t.21, p.142).
- Incorporação da mulher à educação: a educação da mulher anuncia os homens que dela hão de surgir. *"Las campañas de los pueblos solo son débiles, cuando en ella no se alista el corazón de la mujer; pero cuando se estremece y ayuda, cuando la mujer, tímida y quieta en su natural, anima y aplaude, cuando la mujer culta y virtuosa unge la obra con la miel de su cariño, la obra es invencible"*. (ibid, t.5, p.16).

A vigência do pensamento de Martí e a inserção de sua obra na história de nosso continente radica no sabor de testemunho e na capacidade de indignação diante das injustiças. Sob inspiração do ideário martiano, em 1896, com a publicação de *El cubano libre*, editou-se a primeira cartilha voltada ao desenvolvimento de “uma consciência participativa do povo na vida político-social do país, em meio ao iminente colapso do colonialismo, onde todas classes sociais, de forma ativa ou passiva, se envolveram” (CANFUX GUTIÉRREZ, 2006, p.1).

No final do século XIX, o exército *mambí* foi dissolvido e o povo foi arrastado à miséria, pois a luta contra a dominação não culminou com a vitória. A burguesia açucareira cubana, ainda que colaborasse economicamente com a insurreição, estreitava seus contatos com os Estados Unidos e o instava a intervir nos conflitos. Entretanto, havia chegado a hora de “encarnar a ação e a história do *ethos* patriótico, iluminado pela poesia e pelo pensamento cubano” (VITIER, 2011, p.42).

⁵ Tropas compostas por escravos negros, mestiços livres e proprietários rurais.

A república *mediatizada*

A ocupação de Cuba estendeu-se até 1902, consolidando a reorganização de um sistema político em função dos interesses neocoloniais. Nesse bojo, a influência estrangeira significou a interrupção, entre outras questões, do legado pedagógico dos pensadores cubanos desenvolvido nos séculos anteriores. Em conjunto com a Emenda Plat⁶, começou a produzir-se a recuperação do ideário de Martí, mantido na palavra dos professores, os herdeiros do frustrado sonho independentista, que inscreveram na memória das crianças os versos martianos. Junto a eles levantou-se a figura do herói e com essa recordação começou a alimentar-se a utopia. Em sua essência, a herança de Martí desmonta o mito histórico do eurocentrismo e de todo o aparato da conquista colonial, rechaçando o argumento apologético segundo o qual o colonialismo havia sido o propulsor da incorporação das Américas à História (ACOSTA, 2015).

O século XX iniciou-se em Cuba com um conjunto de imposições econômicas e políticas decorrentes da primeira intervenção militar dos Estados Unidos no país. O triunfo da Revolução Russa, em 1917, repercutiu em toda a América Latina e entre as consignas dos trabalhadores, surgiram novas vinculações das teorias revolucionárias às lutas no continente. Entre as décadas dos anos 1920 e 40, na república *mediatizada* cubana constituiu-se uma luta ideológica e política entre duas tendências pedagógicas contrapostas: de um lado, a democrática, que representava as aspirações do povo, e, do outro, a intenção das classes dominantes.

No início da década de 1930, ocorreu um acelerado envolvimento na economia cubana de grupos financeiros estadunidenses. Em 1940, a Ilha era considerada um importante centro da delinquência internacional. A situação econômica era típica de um país agrário atrasado, onde coexistiam relações pré-capitalistas e relações capitalistas,

⁶ Ementa que oficializou, em 1901, o direito a intervenções militares e autorizava os Estados Unidos a arrendar as terras para as suas bases navais.

baseadas na penetração do capital estrangeiro monocultor, exportador de açúcar e atado às necessidades econômicas dos vizinhos ao norte. Todavia, os professores cubanos forjaram nas novas gerações os ideais de soberania e o rechaço à opressão, concomitantes às péssimas condições de trabalho docente. A política da oligarquia *criolla*, a partir da crise globalizada do modelo neocolonial, passou a restringir a produção agrícola e industrial à esfera açucareira, mediante a cartelização.

A educação como pedra angular

No centenário natalício de Martí, um quadro retratava a desatenção aos serviços educacionais. Segundo dados do Ministério da Educação (CUBA, 1999, p.9):

- Apenas 56,4% das crianças frequentavam a escola primária e 28% dos jovens continuavam os estudos de ensino médio.
- A Educação Especial era virtualmente inexistente.
- Para a formação de professores, com matrículas limitadas, a Ilha dispunha de 6 escolas normais oficiais e três faculdades de Educação.
- Havia mais de um milhão de analfabetos.

O assalto ao Quartel Moncada, em Santiago, na madrugada de 26 de julho de 1953, inaugurou um novo período em Cuba e o triunfo das forças populares despertou a simpatia dos movimentos progressistas no mundo. A lei que estabeleceu a primeira Reforma Integral do Ensino, promulgada ainda em 1959, adotou o pleno desenvolvimento humano, como objetivo fundamental da educação. Os muros dos centros de tortura foram derrubados e, em apenas 19 dias, operários, estudantes e contingentes de toda a população, converteram o sombrio Moncada na *Ciudad Escolar 26 de Julio*, revestindo de transcendência moral a conversão de 69 quartéis em escolas para 40 mil alunos (ibib., p.7).

Em uma sociedade neocolonial, não havia como transpor a revolução para dentro do capitalismo. O novo homem, pela reapropria-

ção da natureza humana, era o centro da sociedade, que pensava em converter-se numa grande escola. A ruptura do Estado burguês transformou a saúde, a educação e a cultura em direitos para todos os cubanos. As campanhas de alfabetização começaram na etapa de *Sierra Maestra*, quando os guerrilheiros deveriam ser, além de combatentes, os responsáveis por levar o conhecimento a lugares intrincados, produzindo um fluxo entre as necessidades dos camponeses e as preocupações em âmbito nacional. O povo percebeu, desde o início, que os revolucionários não apenas falavam que a educação seria priorizada, mas colocavam as suas ideias em prática. O sistema educativo, como pedra angular da revolução cubana, trouxe à população de Cuba um diferencial, que a caracteriza por sentimentos de autoconfiança (BUENAVILLA RECIO, 2014).

Na primeira etapa da revolução, os grandes movimentos alfabetizadores constituíram uma fonte por excelência do envolvimento do popular com as medidas que atingiriam o país. No decorrer de 1959, foram implementados os conceitos de formação emergente e do professor como soldado da independência política. Uma das metas mais ambiciosas do governo revolucionário foi a erradicação do analfabetismo em 1961, o “Ano da Educação”. A Campanha de Alfabetização teve seus antecedentes na época do colonialismo espanhol, quando o exército dos *mambises* vinculou a aprendizagem da escrita e da leitura à formação dos valores patrióticos. A relação que estabeleceu Martí entre cultura e emancipação – ser culto para ser livre –, complementada com os pressupostos do movimento 26 de julho, serviu de base para a concepção do novo Sistema Nacional de Ensino.

A campanha desencadeou-se com o chamamento de voluntários. Dela participaram 100 mil estudantes, 13 mil operários, 120 mil alfabetizadores populares e 34 mil professores, o que possibilitou a criação de centenas de documentários, poesias e análises de estudiosos interessados em compreender as razões do sucesso. Na cartilha “*Alfabeticemos*”, o Governo conclamava os voluntários a defender a sobe-

rania “dentro dos princípios de uma unidade incorruptível” (COMISIÓN NACIONAL DE ALFABETIZACIÓN, 1961, p.5).

Quando se alfabetiza um adulto, “a Pátria tem motivos para sentir-se orgulhosa de seus filhos”, segundo o prefácio da *Cartilla Cubana* (1959, p.1). Esta experiência configurou um forte vínculo da educação à vida política, pois os alfabetizadores compartilharam tarefas comuns, como arar, transformaram-se em guias familiares e compreenderam os graves problemas que afetavam o país, dando um passo à frente, para enfrentar a vida e também a morte. Fato marcante, foi o assassinato dos alfabetizadores Conrado Benítez e Manoel Ascunse por grupos de contra revolucionários nas Serras de Escambray.

Em 22 de dezembro, deste mesmo ano, Cuba foi declarada “Território Livre do Analfabetismo”, data em que se comemora o dia nacional dos professores. A formação de docentes transitou por várias etapas a partir de 1964, quando foram fundados os Institutos Superiores Pedagógicos, com o objetivo de dar resposta à necessidade crescente de educadores.

A universalização do ensino

Em janeiro de 1961, Washington, unilateralmente, ao romper as relações diplomáticas com Cuba, proibiu seus cidadãos de visitarem a Ilha. Como resposta, em abril do mesmo ano, o governo cubano proclamou o caráter socialista da revolução. Neste contexto de enfrentamentos, as ações que passaram a ser exercidas contra Cuba não se enquadram na definição de “embargo”, ao contrário, transcendem e tipificam um bloqueio:

No bloqueio, guerra de baixa intensidade, sem bombas e estado de sítio, morte lenta por asfixia, afeta-se o comércio, a saúde, a educação e o ensino, o transporte, as comunicações, a tecnologia, a ciência, a produção energética, a produção industrial, a produção agrícola e, certamente, tudo isso incide de forma desfavorável na qualidade de vida do povo (MÉNDEZ TOVAR, 1995, p. 87).

Com a solidificação das relações entre Cuba e a URSS, a principal opção na resistência ao bloqueio imposto pelos Estados Unidos, incluíram-se nas diretrizes pedagógicas cubanas os aportes da Pedagogia Socialista. Nessa época, surgiram os “destacamentos pedagógicos”, formados por alunos das universidades, que lecionavam para os níveis fundamental e médio. Com a explosão no número de matrículas, o governo teve que recorrer aos cursos intensivos e à incorporação imediata dos docentes a prática escolar. Em 1969, a União de Jovens Comunistas organizou a campanha “*Yo seré maestro*”, para a formação de professores emergentes.

A Segunda Revolução Educacional veio como resultado dos programas de massificação do acesso às escolas de todos os graus, quando se incrementaram os cursos de licenciatura nas diversas áreas. Os problemas típicos de uma rede em expansão revelaram-se no processo, o que induziu a procura de novas bases para o Sistema Nacional de Ensino. As decisões, com tendência à centralização, conformaram uma estrutura encarregada de transmitir no sentido vertical – até as bases – as diretrizes elaboradas por níveis superiores. Com a autonomia limitada, as instâncias intermediárias tinham pouco espaço de ação. O efeito imediato dessa estrutura concentrou-se em deficiências no protagonismo dos professores, conduzindo ao enfraquecimento da criatividade e da iniciativa própria. Como esclarece Castellanos Simons (2001, p.14), esta situação marcou em grande medida as relações na escola, evidenciando focos de autoritarismo, falhas na profissionalização docente e fraca participação dos membros da comunidade escolar no processo educativo.

Nesse período, as metas relacionavam-se à cobertura dos serviços educacionais, com o predomínio das investigações de caráter positivista, o que provocou uma sobrecarga de informações numéricas e de critérios tecnocráticos. O Primeiro Congresso do Partido Comunista Cubano, realizado em 1975, tratou de implementar medidas de transição da educação tradicional a outra de cunho avançado. A reformulação das diretrizes foi encaminhada aos Ministérios da Educação, então

desmembrados em MINED, responsável pela educação primária, secundária e média, e o MES, vinculado ao ensino superior. O tripé formado pelo Estado, as organizações de massa e o Partido Comunista Cubano passou a constituir a base do socialismo adotado na Ilha. Milhões de operários, camponeses e donas-de-casa puderam ascender ao nono ano de escolarização.

A formação de professores fortaleceu a base político-ideológica e a integração de quadros ao movimento internacionalista, que se multiplicou no chamado Terceiro mundo. Em 1976, com a nova Constituição da República, investia-se na construção de um novo homem e no reforço do papel da educação. As instituições científicas produziam de forma colaborativa e as universidades buscavam aplicar o elevado potencial científico em distintas áreas. O trabalho das entidades de massa – Federação das Mulheres Cubanas, União dos Pioneiros e União dos Jovens Comunistas – consolidou o apoio ideológico necessário à unidade revolucionária. Os Comitês de Defesa da Revolução surgiram para agrupar vizinhos na organização popular e nas tarefas em benefício da comunidade.

Embora essas estruturas experimentassem lacunas, uma geração habilitada por diferentes vivências entrava em cena. A primeira revolução educacional alfabetizou e emancipou culturalmente, a segunda universalizou e implantou novas relações entre o estudo e o trabalho, mas no pequeno país, com limitadas fontes de matérias primas e de energia, submetida às regras do bloqueio, a evolução econômica foi escassa diante da capacidade da população jovem. Em meados de 1980, já eram visíveis os limites para engendrar os avanços, em um quadro mundial marcado pela centralização capitalista avançada. O primeiro Congresso Internacional de Pedagogia, celebrado em Havana, no ano de 1986, converteu-se em importante laboratório de discussão do ensino na América Latina e no mundo⁷. Em que pese as circunstâncias, o nível da educação cubana em três décadas, havia atingido conquistas inéditas na América Latina.

⁷ Em Havana, até o ano 2019, foram celebrados 16 *Congressos de Pedagogia*.

O programa *batalla de ideas*

Sob o impulso desencadeado no âmbito de reuniões internacionais, como a Conferência realizada em Jomtien, em 1990, abriram-se espaços às renovações em Cuba. Os eixos dinamizadores das políticas educativas eram a descentralização dos sistemas, a transformação dos estilos de gestão, o fortalecimento da autonomia, a introdução das novas tecnologias de comunicação e o aperfeiçoamento da profissionalização docente. Entretanto, carregado por dificuldades em todas as esferas, não somente econômicas, o advento do chamado Período Especial⁸, dificultou a concretização de inúmeros planos (CUBA, 2017, p.8).

Com o agravamento das condições econômicas, muitos professores migraram a setores melhor remunerados, ligados ao turismo. Apesar dos inúmeros entraves, oriundos do bloqueio, foram salvaguardadas importantes conquistas: nenhuma escola foi fechada e nenhum hospital foi encerrado. Em 1996, como resultado das contradições surgidas no projeto educacional, a atividade científica na Ilha apresentava deficiências relacionadas à falta de gestão integrada. As instituições elaboravam planos independentes, ocasionando a dispersão do potencial científico no país. Em muitos casos, não se investigava o prioritário, predominando o enfoque unidisciplinar. De acordo com Castellanos Simons (2001), os aspectos negativos vigentes eram:

- A consciência igualitarista, originada ao longo do processo revolucionário, havia fomentado a ideia de bem-estar material, desconectada das possibilidades reais do país e da contribuição laboral de cada cidadão, o que resultou no debilitamento do trabalho como dever social concreto.

⁸ Etapa de grandes dificuldades iniciada pelo desmoronamento do antigo campo socialista e pela extinção da URSS, países com os quais Cuba mantinha relações mercantis, que alcançavam um percentual significativo de aproximadamente 85%, tanto na importação como na exportação. Juntamente com esses fatos, ocorreu o acirramento do bloqueio a Cuba.

- A fragmentação das instituições socializadoras, em especial a escola e a família, que não atuavam de forma coordenada, fortalecendo as influências negativas de grupos coetâneos e os comportamentos indesejados, tais como as atitudes consumistas.
- A tecnocratização, ou seja, a educação dirigida às informações de caráter prático, em detrimento da formação humanista, o que enfraqueceu a flexibilização para os ajustes à realidade em constantes mutações.
- O excesso de tutela na educação, de forma a reduzir a participação ativa dos jovens nas tarefas sociais e a capacitação na área profissional.

A partir de 1996, o MINED, junto ao programa de Informatização, criou centros de softwares educativos em todas as províncias da Ilha e bancos de programas na área de computação. Os estudos elaborados pelos ministérios reconheceram que os impactos das transformações sociais suscitavam a reavaliação do papel da escola e a implementação de programas inseridos em uma revolução técnico-científica, assim como em ações para minimizar o impacto nocivo da globalização neoliberal. Isso se concretizaria no desenvolvimento de um cidadão consciente dos problemas que afetavam a própria sobrevivência humana e na defesa do pensamento marxista-leninista.

Em dezembro de 1999, o Programa *Batalla de Ideas*⁹ incluiu estratégias para minimizar as desigualdades geradas em consequência do período de crise. O que se buscava era uma sociedade sem desempregados e sem presos, garantindo não apenas a igualdade de oportunidades, mas também de possibilidades. No mês de agosto de 2002, a Escola Formadora de Professores Salvador Allende recebeu 4500 alunos, oriundos de todas as províncias. Buscava-se a concepção de um docente, em caráter emergencial, envolvido com o domínio de meios di-

⁹ Movimento massificador da cultura integral, desencadeado em dezembro de 1999, durante a mobilização popular para resgatar o menino Elián González, retirado de Cuba, sem o conhecimento do pai. Com apenas 6 anos, foi salvo do naufrágio, onde pereceram sua mãe e oito pessoas de um barco, que tentava o ingresso ilegal aos Estados Unidos.

dáticos avançados e de práticas diferenciadas para cada classe e para cada aluno, consolidando o papel de um novo educador.

Após a realização de estudos conjuntos em todas as províncias, tomou-se a decisão de proceder à formação massiva, trabalhando com jovens egressos do ensino médio, que em um ano receberiam a preparação para incorporar-se de maneira direta às práticas escolares, responsáveis por grupos de quinze alunos e, com mais quatro anos de formação, obteriam o título de Licenciados em Educação – na especialidade Professor Generalista Integral, para lecionar até o 9º ano, nas escolas primárias e secundárias básicas. A transformação do professor emergente em licenciado, estava amparada na figura do tutor, crítico construtivo, responsável pela orientação do estudante na dimensão teórico-prática dos componentes da formação docente. De acordo com Castro Ruz (2002, p.2), na “Allende” o claustro estava composto por 412 professores, dos quais 44 eram doutores e 92 mestres. Dos alunos, 3242 provinham de escolas no campo, 458 de pré-universitários pedagógicos, 456 de escolas urbanas, 252 de escolas vocacionais e 134 do ensino profissional. Um número elevado deles, 57% do total, era membro da União de Jovens Comunistas. O primeiro ano de curso com 2234 horas de formação geral, preparação metodológica e prática docente, além de 72 h, de Educação Física, dispunha de 145 classes para trinta alunos, equipadas com computador, TV e vídeo; contava com residência estudantil, 5 bibliotecas, 10 laboratórios de computação, 6 laboratórios de ciências, 2 oficinas de educação laboral, 2 canais locais de televisão, teatro, ginásio e centro de informação pedagógica.

A etapa de reanimação da economia permitiu ao Estado priorizar a cultura integral a toda a população. Para a universalização da Educação Superior, inserida no *Batalla de Ideas*, hospitais, escolas e fábricas em diversos bairros foram convertidos em sedes universitárias, concebidas como microuniversidades. O conceito de universalização não foi concebido exclusivamente para formação de professores, uma vez que nas sedes colocava-se o universitario de todas as carreiras em contato com a realidade de sua profissionalização. Segundo Alar-

cón de Quesada (2006, p.1), “sob uma concepção humanista, que a ninguém exclui, 22 das 3150 sedes foram instaladas em prisões convertidas em escolas”.

No curso de 2009–2010, o Ministério da Educação empreendeu um profundo plano de transformações. Com esse intuito foram priorizados o trabalho político–ideológico e a educação em valores, em todo o Sistema Nacional de Ensino, sustentados em maior conhecimento da História cubana e universal. O novo modelo incluía 21 carreiras docentes, com 5 anos de duração, para todos os níveis, sendo 2 ou 3 anos de caráter presencial nas Universidades de Ciências Pedagógicas, em uma etapa de formação intensiva, propiciando a elevação da cultura geral do futuro profissional e a preparação para o trabalho nas escolas. Concluída essa fase inicial, o estudante se incorporaria a um centro escolar, próximo ao seu domicílio, para a sua formação profissional, sob a atenção direta de um tutor, com frequência às universidades pedagógicas, uma ou duas vezes por semana.

A atualização socioeconômica

Na concepção inicial da revolução cubana pensava-se em incluir a pequena propriedade privada na estrutura econômica do país. Contudo, com a influência dos países do leste europeu, as interpretações que se fizeram do marxismo, os feitos do “socialismo real” e a posição contra revolucionária de alguns setores oriundos das classes abastadas, levou-se a cabo, no final da década de sessenta do século passado, restrições à pequena propriedade (FUNDORA, 2012).

Em 1975, com a introdução do Sistema de Direção e Planificação da Economia, surgiu a autorização do trabalho por conta própria, legislado pelo Decreto Lei nº 14 de 1978 para serviços tais como: cabeleireiros, costureiros, jardineiros, taxistas, fotógrafos, eletricitas, carpinteiros e mecânicos, assim como para profissionais graduados dentistas, médicos, arquitetos e engenheiros antes de 1964. Posteriormente, no ano de 1986, o modelo econômico cubano passou a expressar

ineficiências, que levaram ao período de *Rectificación de errores y tendencias negativas*. Como parte dessas medidas se restringiria de forma considerável o trabalho por conta própria (PÉREZ VILLANUEVA E PONS PÉREZ, 2013, p.101).

A partir de 2011, como parte do processo de atualização socioeconômica na Ilha, vem aparecendo – de forma paulatina – disposições oficiais e jurídicas com a fim de ampliar o “trabalho por conta própria”, como é conhecido em Cuba o setor privado da economia. Foram postas em andamento diversas práticas não subordinadas à administração do estado, denominadas de *cuentapropismo*. Medidas reconhecidamente válidas por todas as organizações de massa e necessárias ao desenvolvimento sustentável, essa gestão introduziu em Cuba mais de 200 ofícios, exercidos de forma individual ou em cooperativas. Não obstante, a maioria da juventude se encontra vinculada ao setor estatal. Isso está relacionado ao fato de que o Estado cubano continua priorizando a inclusão de jovens em seus órgãos e entidades (CUBA, 2017)

Em meio às tentativas de evitar que a corrupção comprometa o sistema produtivo em expansão, as reformas educativas em Cuba tendem a caminhar em conjunto com os planos atuais, que não são exclusivamente econômicos, mas envolvem as esferas políticas e ideológicas. Quando se pensa nos valores fundantes da nacionalidade cubana, surge uma tendência que constantemente obriga as instituições a colocarem de lado alguns esquemas e reorganizar prioridades.

A sociedade cubana é uma grande escola. Pelo caráter democrático e popular da educação, o povo participa de sua realização e seu controle. A ação de todas as organizações constitui a condição básica da estratégia para elevar a qualidade do processo educativo (ibid, p.10).

Diversos relatórios internacionais, inclusive o *Informe de Seguimiento de la Educación en el Mundo*, atestam a educação de qualidade, inclusiva e permanente para todos em Cuba (UNESCO, 2016). Nenhum país possibilita uma escola, verdadeiramente popular, sem a

opção clara pela garantia dos investimentos, que permitam a sua oferta pública. A ambiguidade presente na maioria das reformas em curso no mundo pode ser sintetizada pela tensão entre o barato e o melhor, na qual a lógica do mercado, em muitos casos, é a única levada em consideração. Todavia, as soluções fáceis no momento de desenhar as mudanças, não se enquadram no sistema educativo cubano.

Considerações finais

De um lugar onde se escuta o canto das sereias, que nos convoca a sermos o que não somos, nós, os cubanos, persistimos em nossa identidade, que nos faz incólumes a todas as influências. Quanto mais se acerca de uma influência devastadora, mais regamente o cubano resiste em deixar-se dominar por ela. Assim opera essa ingratidão, essa volubilidade de um país regido pelas brisas, sempre hábil para escapar de todos que tentam transformá-lo, por ter uma alma inalcançável, que nem ele mesmo conhece em sua plenitude (RODRÍGUEZ RIVERA, 2005, p.74).

No entendimento deste estudo, por mais que as instituições escolares tenham sido afetadas em sua estrutura, elas ainda se apresentam como o principal alicerce do processo revolucionário em Cuba, que tem na Educação a grande igualadora social no país. A trajetória de uma cultura de resistência, consolidada nos combates da segunda metade do século XIX, nas quais pereceram cerca de quatrocentos mil cubanos – um terço da população da Ilha –, ainda apresenta nítidos reflexos no cotidiano escolar.

A campanha de alfabetização, na década de 1960, significou, mais que uma estratégia educacional, uma experiência profunda para transformar o triunfo do movimento 26 de julho em vitória política, consolidadora do projeto societário, no qual a elevação cultural caminhou junto às lutas contra a dominação estrangeira. Analisando, em dimensão abrangente, pode-se dizer que o objetivo maior foi conseguido: tirar a população da inércia e mobilizá-la coletivamente, trans-

formando antigos traços culturais de acomodação em relação à ação paternalista das autoridades. Entretanto, muitos dos problemas atuais não ocorrerem somente pela oposição ao trabalho, porque, como valor, ele é aceito pela sociedade cubana, mas a questão se encontra na assimilação concreta da ideia, que nem todos possuem, muito menos quando as convicções necessitam ser transformadas em conduta efetiva. Esse fenômeno alcançou em particular, a geração mais jovem, sem memória existencial do passado. A passividade imposta aos jovens em seu processo de socialização e a influência de padrões externos, sobretudo da comunidade cubana residente nos Estados Unidos, conformaram um modelo de bem-estar, embasado no consumo e com tendências à mentalidade de consumidor acima da consciência de produtor, problemas que dificultam a consolidação do ensino na esfera dos valores, especialmente na faixa etária mais vulnerável, que é a adolescência.

Pintada de luzes e de sombras, como é natural, adoção do trabalho por conta própria, vem comprovando ser um recurso válido e irreversível, por constituir um campo emergente na economia em Cuba. Resta saber, se o desequilíbrio de salários entre os setores estatal e não estatal, comprometerá ou provocará uma evasão de quadros necessários ao bom desempenho das escolas. Contudo, a história aponta que a educação vem traçando pautas ao longo das últimas décadas na Ilha, para consolidar um corpo de resistência em defesa dos princípios do socialismo. A educação cubana tem-se encarregado de reforçar o significado do genuíno, em contraposição ao colonialismo e ao neocolonialismo. Cada acontecimento traz à luz uma reação contra a pretensa universalidade que vem de fora, de um mundo antes jugulado por Portugal-Espanha, depois pelos Estados Unidos ou, mais recentemente, pelas regras da globalização, reiterando a defesa das raízes autóctones em Cuba. Sem pretender qualquer exaustividade em questões tão enredadas, na compreensão deste estudo, a educação cubana descortina o que as receitas neoliberais pretendem esconder. A intencionalidade declarada nas práticas e nos discursos é o alto nível de ideologização do ensino, negando o aspecto usual à maioria dos sistemas educa-

tivos em outros países, marcados pela descaracterização do cunho ideológico, sob uma suposta dimensão técnica que, no senso comum, tende a ser apreendida como neutra. A esta altura do processo revolucionário, ainda na vigência do bloqueio, há evidências de que se criou um caldo de práticas e condutas, ao longo de sessenta anos, capaz de trabalhar os problemas aqui apontados com a urgência requerida pela complexidade do processo histórico cubano.

Referências

ACOSTA, Leonardo. **José Martí: el índio de nuestra América**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2015.

ALARCÓN DE QUESADA, Ricardo. La Universalización de la universidad por un mundo mejor. ENCUENTRO INTERNACIONAL DE EDUCACIÓN SUPERIOR. 2006, La Habana, **Anais...**, La Habana, 2006.

BUENAVILLA RECIO, Rolando. **Historia da pedagogía en Cuba**. La Habana: Pueblo y Educación, 2014.

CANFUX GUTIÉRREZ, Jaime et al. **La alfabetización: historia y autenticidad en Cuba**. La Habana: Pueblo y Educación, 2006.

CARTILLA CUBANA. **Leer vivir servir: Campaña Nacional de Alfabetizadores**, Concilio Cubano de Iglesias Evangélicas. La Habana: Salud, 1959.

CASTELLANOS SIMONS, Doris et al. **Aprender en la escuela**. La Habana: Instituto Superior Pedagógico “Enrique José Varona”, 2001.

CASTRO RUZ, Fidel. Discurso pronunciado. In: ACTO DE INAUGURACIÓN DEL CURSO DE FORMACIÓN EMERGENTE DE PROFESORES, 9 sept. 2002. **Granma**, La Habana, 2002.

_____. **Un grano de maíz**. La Habana: Oficina de Publicaciones del Consejo de Estado, 1992.

CHÁVEZ RODRÍGUEZ, Justo. Las Ideas de José Martí sobre educación. In: TURNER, Lidia et al. **Martí y la educación**. La Habana: Pueblo y Educación, 1996.

COMISIÓN NACIONAL DE ALFABETIZACIÓN. Ministerio de Educación. **Manual para el alfabetizador**. La Habana: Imprenta Nacional de Cuba, 1961.

CUBA (República de). Conferencia Inaugural: La Educación en Cuba. In: PEDAGOGÍA 99: **Encuentro por la unidad de los educadores**. La Habana, 1999.

_____. Conferencia Inaugural: La Educación en Cuba. In: PEDAGOGÍA 2017. **Encuentro por la unidad de los educadores**. La Habana, 2017.

FERNANDES, Florestan. **Da Guerrilha ao socialismo: a revolução cubana**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979.

FRAGINALS, Manuel. **Cuba/Espanha – Espanha/Cuba: uma história comum**. Bauru: Edusc, 2005.

FUNDORA, GEYDES. **El cuentapropismo. ¿Solo un problema económico?** Tesis de Maestría, Flacso, La Habana 2012

GONZÁLEZ SOCA, Ana María; REINOSO CÁPIRO, Carmen. **Nociones de sociología, psicología y pedagogía**. La Habana: Pueblo y Educación, 2002.

MARTÍ, José. **Obras Completas, Edición Crítica**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2011

MÉNDEZ TOVAR, Carlos. **Democracia en Cuba?** La Habana: Editorial José Martí, 1995.

PÉREZ VILLANUEVA e PONS PÉREZ. Política tributaria y cuenta-propismo. In: PÉREZ VILLANUEVA, Osmar e TORRES PÉREZ, Ricardo. **Cuba: la ruta necesaria del cambio económico**. La Habana : Editorial de Ciencias Sociales, 2013. p. 101–119.

RODRÍGUEZ RIVERA, Guillermo. **Por el camino del mar**. Habana: Boloña, 2005.

SARRACINO, Rodolfo. **José Martí en el Club de Nueva York**. Jalisco, Editorial Universidad de Guadalajara, 2010.

UNESCO. **Educación para todos, el imperativo de la calidad**: informe de seguimiento da la EPT en el mundo. Paris: Organización de las Naciones Unidas, 2016.

VITIER, Cintio. **Ese Sol del mundo moral**. La Habana: Centro de Estudios Martianos, 2011.